

INTERPRETAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA

Alexander Borges

Acadêmico do 10º Semestre do curso de Psicologia da UNIVAG

Email: alexiosborges@gmail.com

Beatriz R. dos S. Lavoratto

Acadêmica do 9º Semestre do curso de Psicologia da UNIVAG

Email: beatriz.rod.santos@gmail.com

Orientado e supervisionado pelo Prof. Luiz Guilherme Araujo Gomes

Email: luiz.gomes@univag.edu.br

Resumo: Baseado nos escritos do artigo “*A transferência na clínica psicanalítica com crianças*” (2018) e fundamentado pela teoria freudiana, buscou-se neste estudo analisar o papel da interpretação da transferência na prática clínica psicanalítica. É em meio a compreensão de sua magnitude que os estagiários optaram por escolher abordar sobre a Interpretação da Transferência na Terceira Amostra de Estágio dos estudantes do curso de Psicologia da UNIVAG – Sede Várzea Grande, para o qual o trabalho foi submetido. Temos como objetivo abordar a importância da interpretação da transferência durante o processo analítico, além de também falar sobre os desafios vividos na prática de estágio ao redor do tema. Usaremos como base teórica artigos psicanalíticos encontrados em plataformas como Scielo e Pepsic. Tratando-se da palavra transferência, temos comumente vinculado a uma noção de deslocamento de algo ou de transporte, sendo um termo muito abrangente que não é restrito a nenhuma área de conhecimento específica. Se tratando da ciência psicanalítica, esse termo adquire uma nova perspectiva. Freud ao pensar e criar a psicanálise, elabora a ideia de que a transferência é um processo em que os desejos humanos inconscientes passam por uma atualização frente a determinados objetos, porém ainda mantendo a relação anteriormente estabelecida com eles. É apenas sob a transferência que o tratamento psicanalítico se desenvolve, é em sua instalação que o analista compreenderá suas modalidades de repetição, fará sua interpretação e então trabalhará para a sua resolução. A transferência é fator eminente no quadro da relação analítica, em suas características mais cruciais se encontra a capacidade que ela possui em surgir como resistência ao tratamento, transferindo-se para a figura do analista. Somente através da transferência com o analista que ocorrerá a possibilidade de se criar um campo de discurso que vai esboçando uma ideia dos significantes produzidos durante o setting terapêutico por analisando e analista. Se tratando do atendimento com crianças e adolescentes, deve-se considerar que o indivíduo foi levado a uma condição de análise devido a algo que foi observado pelo responsável, por este motivo é preciso ter muito cuidado ao atender esse público em específico, pois é preciso dar atenção ao que é trazido pelo inconsciente do sujeito para que ele possa trazer as significâncias e dificuldades do ser criança, desvinculado da demanda parental, para que se compreenda qual o local que essa criança ocupa nessa dinâmica familiar e essa trama fantasística que possa estar sustentando o sintoma na criança. A observação é um dos fatores importantes dentro do setting terapêutico com crianças, pois a transferência nem sempre aparece em palavras, mas também se dá através de ações como respostas, a criança repete o que viveu e o que está vivendo. Em sua obra, Freud postula que cada indivíduo ao longo da trajetória de sua vida erótica alcança um método específico de se conduzir, frente a combinação da

disposição inata de cada pessoa e das influências vividas durante as fases iniciais da vida. Esse método dinâmico produz o que Freud denomina como “clichê estereótipo”, que são constantemente repetidos/reimpressos de forma inconsciente pelo indivíduo no decorrer do trajeto da vida, mas que segundo ele, não são dinâmicas incapazes de serem mudadas/transformadas conforme a pessoa vai tendo novas vivências. O conteúdo transferido que é interpretado na clínica com crianças é fortemente carregado daquilo que Checchinato chama de “o complexo sintomático da família”, ou seja, aquilo que seria um conjunto de concepções subjetivas de si ou das coisas, que formam todo um enredo de atitudes vividos por um membro da família, que será repetido frente a determinadas circunstâncias específicas. A intervenção analítica propiciará defronte a isso uma nova leitura do enquadre, desmistificando os mitos e promovendo uma mudança imediata no arranjo inconsciente, levando a que certos “núcleos patogênicos” da estrutura familiar se desarticulem e se dissipem, ocasionando na estruturação de novos arranjos familiares um pouco melhores. Por isso é de suma importância que o psicanalista esteja atento à forma como a criança toma “fantasmaticamente” a presença dos pais em sessão, bem como se mantenha atento ao discurso familiar abordado em análise, assim não perdendo a articulação estrutural entre o sintoma infantil, o discurso familiar e o desejo parental surgido pelos cuidadores. Deve-se buscar um manejo suficientemente ideal frente a demanda emergida pela transferência com o indivíduo, promovendo um espaço onde o sujeito do inconsciente possa se tornar presente nas sessões e que tenha sua própria demanda longe do que se entende que é dos responsáveis. A análise com crianças e adolescentes é uma forma de que a criança possa conseguir, através do processo analítico, produzir sobre o seu próprio desejo e fantasias, desviando do que é imposto inconscientemente a ele. Como dito, a transferência possui papel essencial para a análise e é de suma importância que se tenha uma interpretação e intervenções adequadas sobre ela, se não todo o processo da análise será comprometido e se encerrará.

Palavras-chave: Psicanálise. Transferência. Interpretação. Inconsciente.